

HÁ LEGITIMIDADE NOS PRECONCEITOS? UMA REABILITAÇÃO À LUZ DA HERMENÊUTICA FILOSÓFICA DE HANS-GEORG GADAMER

IS THERE LEGITIMACY IN PREJUDICES? A REHABILITATION IN THE LIGHT OF HANS-GEORG GADAMER'S PHILOSOPHICAL HERMENEUTICS

Talia Giacomini Tomazi¹

RESUMO

O pensamento filosófico moderno geralmente considerou os preconceitos como juízos sem fundamentação e que levam a mal-entendidos. Contudo, Hans-Georg Gadamer pretende restituir o potencial produtivo e o caráter condicionante dos preconceitos para a compreensão a partir de sua hermenêutica filosófica. Deste modo, o presente artigo retomará a discussão desenvolvida por Gadamer em *Verdade e Método*, sobretudo na segunda parte, e dará ênfase aos seguintes aspectos: a descoberta da estrutura prévia da compreensão (posição prévia, visão prévia e concepção prévia) e o círculo hermenêutico, presentes na tarefa da compreensão; elucidará os conceitos de verdade e método à luz da hermenêutica filosófica; abordará a concepção pejorativa atribuída aos preconceitos pela *Aufklärung* - Iluminismo - e, por último, desenvolverá algumas das razões pelas quais os preconceitos são condição para a compreensão. Em vias de argumentar que, como seres finitos e históricos e pertencentes à tradição, a compreensão não se restringe ao ideal de ciência da modernidade.

Palavras-chave: Gadamer. Preconceito. Compreensão. Hermenêutica filosófica.

ABSTRACT

Modern philosophical thought considered prejudices to be unfounded judgments that lead to misunderstandings. However, Hans-Georg Gadamer intends to restore the productive potential and the conditioning character of prejudices for the understanding out of his philosophical hermeneutics. That way, this article will resume the discussion developed by Gadamer in Truth and Method and will emphasize the following aspects: the discovery of the previous structure of the understanding (pre-given background, an intent or fore-sight and a fore-grasp) and the hermeneutic circle, present in the task of understanding; it will elucidate the concepts of truth and method in the light of philosophical hermeneutics; will address the pejorative conception attributed to prejudices by the Aufklärung and, finally, will develop some of the reasons why prejudices are a condition for the understanding, because as finite and historical beings and belonging to tradition, the understanding is not restricted to the ideal of science from modernity.

Keywords: Gadamer. Prejudices. Understanding. Philosophical Hermeneutics.

¹ Mestranda do PPGF/UFSM; Bacharel em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM (2022). E-mail: talia.giacomini@acad.ufsm.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1940-1598>

INTRODUÇÃO

A hermenêutica contemporânea é profundamente influenciada pelo trabalho de Martin Heidegger. O objetivo de autores como Friedrich Schleiermacher (1768-1834) e Wilhelm Dilthey (1833-1911), que na modernidade se engajaram em oferecer um método correto de compreensão para as ciências do espírito (SILVA, 2014, p. 206), não é consumado na analítica existencial de Heidegger que, na verdade, provocou uma inversão radical. A hermenêutica assume um aspecto ontológico, ou seja, a prática interpretativa não é mais concebida como um método para leitura de textos, mas é alargada no sentido de uma compreensão de ser (FARIN, 2021, p. 375). Hans-Georg Gadamer se debruça sobre o fenômeno da compreensão e leva em consideração as consequências do trabalho de Heidegger, principalmente no que se refere a compreensão como um modo de ser do *Dasein*² e não como uma doutrina do método. Um dos objetivos de Gadamer (2014) é desenvolver a hermenêutica filosófica que faça jus a experiência de mundo.

No que tange aos objetivos do presente trabalho, contudo, me proponho reconstruir a investigação que Gadamer se dedicou na segunda seção da segunda parte de *Verdade e Método*, centrando-me na discussão desenvolvida em “O círculo hermenêutico e o problema dos preconceitos” e “Os preconceitos como condição da compreensão” (GADAMER, 2014, pp. 354-384). Nessas seções, o hermeneuta procura argumentar acerca do valor positivo da reabilitação dos preconceitos, conceito descredibilizado pela *Aufklärung*³ através do ideal de despir-se de todo e qualquer preconceito em detrimento da razão. Os preconceitos, dado que podem assumir uma valoração positiva ou negativa, estão ligados ao fenômeno da compreensão, sendo condição para ela. Portanto, os preconceitos não devem ser tidos como juízos sem fundamentação e, sim, como pertencentes ao indivíduo que compreende. A compreensão está relacionada à historicidade e temporalidade que permeiam o(a) intérprete, visto que, o mesmo encontra-se já desde sempre inserido em uma situação histórica e finita em sua experiência existencial concreta (BRESSOLIN, 2008, p. 64).

A reabilitação dos preconceitos compõe um movimento mais amplo dentro do projeto gadameriano de uma teoria da experiência hermenêutica. Mesmo que introdutoriamente, alguns esclarecimentos se fazem necessários acerca da estrutura prévia da compreensão, descoberta por Heidegger, e os conceitos que dão nome a *magnus opus* de Gadamer, *Verdade e Método*. A elucidação da estrutura prévia é o que permite o próprio compreender, pois traz à luz o caráter projetivo, o *poder-ser* aberto em possibilidade do *Dasein*, tal como descreve Heidegger em *Ser e Tempo* (HEIDEGGER, 2012, p. 213) e que é mantido por Gadamer, fundamentando desde sempre toda interpretação. Esta estrutura prévia da compreensão é, em linhas gerais, um “projeto prévio”, contendo visões, posições e concepções que devem ser revisadas continuamente, assim como os preconceitos. Além do mais, se faz necessário mencionar o que Gadamer pretendia ao abordar verdade e método de forma muito distinta daquela conceitualização rígida assumida pelo pensamento moderno. A filosofia viu-se afetada pelos significativos progressos nas ciências naturais, as quais faziam uso de métodos rigorosos de investigação para alcançar a verdade. Verdade e método, na perspectiva da hermenêutica gadameriana, não possuem essa acepção, ou seja, a verificabilidade de algo em decorrência da aplicação metodológica não é o que permite alcançar a verdade.

2 Compreensão como modo de ser do *Dasein* será explicitado no decorrer do texto.

3 Iluminismo.

Para Gadamer, a historicidade e finitude humana dão condições para o encontro com a verdade, a qual se dá através das coisas elas mesmas, sem a intermediação do método.

Dessa forma, em um primeiro momento, analisarei a estrutura prévia da compreensão, dando atenção aos momentos prévios constitutivos e ao círculo hermenêutico que se manifesta. Em seguida, de forma não exaustiva, os conceitos de verdade e método serão elucidados à luz da hermenêutica filosófica de Gadamer, expondo as divergências dessa teoria com o pensamento moderno e sua abordagem cientificista. A elucidação desses conceitos tem impacto no projeto de reabilitação dos preconceitos, pois o descrédito conferido aos preconceitos pelo pensamento Iluminista está atrelado a concepção de ciência como certeza. A verdade era caracterizada pela verificabilidade e o método era a condição de possibilidade para o conhecimento verdadeiro e justificado (GADAMER, 2011, pp. 49-56). Por último, a partir da exploração construída ao longo do texto acerca da reabilitação dos preconceitos, buscar-se-á reabilitar os conceitos de tradição e autoridade, retirando-os do estigma de portadores de inverdades, infundados e que operam contra a razão.

TODO COMPREENDER JÁ PARTE DE UMA COMPREENSÃO PRÉVIA

A estrutura prévia da compreensão descoberta por Heidegger na analítica existencial desenvolvida em *Ser e Tempo* é o fio condutor para Gadamer e seu projeto de reabilitação dos preconceitos. Para Heidegger, a existência é um modo de ser, na qual o *Dasein* - ente que somos nós mesmos - é de tal forma que compreende ser e em compreendendo é um poder-ser (HEIDEGGER, 2012, p. 209)⁴. Outra forma de apresentar a compreensão é dizê-la como um *ser capaz de*, no sentido de possibilidades que constituem habilidades. Aquele que compreende é capaz de estar familiarizado com o mundo (em um sentido existencial, ou seja, mundo enquanto relações e não um conjunto de propriedades, coisas, entes etc.), estar aberto em possibilidades com os outros entes, com as determinações que a ele foram impostas desde sempre e com as escolhas que podem ser assumidas dentro dos limites de sua situacionalidade. Portanto, na medida em que há existência humana, há compreensão. A familiaridade que emerge na compreensão expõe esse *poder-ser*, ou seja, o caráter projetivo do ente que é aberto em possibilidades. Expõe também, o caráter prévio do ente, o qual está presente na compreensão, pois aquele que compreende está aberto em possibilidades e faz parte de uma rede de relações e significações desde sempre já determinadas pelo seu contexto situacional e histórico. Esse já pertencer a uma rede não é uma construção cognitiva, mas uma interação imediata do familiar e do mundo da vida manifesto (FARIN, 2021, p. 375)⁵.

4 Heidegger é conhecido pelo pluralismo ontológico, ou seja, ele assume diferentes modos de ser, a saber: existência, subsistência, disponibilidade, consistência e vida. O autor dá primazia para o modo de ser da existência, uma vez que *Dasein* compreende ser e na compreensão de ser que aparecem as condições de acesso para o ser de outros entes. A disponibilidade ou utilizável, por exemplo, faz referência ao modo de ser dos entes que o *Dasein* lida cotidianamente e é compreendido pelas remissões - em seu contexto de uso.

5 Neste contexto, estou compreendendo por “construção cognitiva” o conhecimento que temos acerca de nós mesmos e do mundo por meio da percepção, memória, experiência etc, no sentido de um objeto em análise. “A relação primária com o mundo ao nosso redor não é a construção da teoria cognitiva, a interpretação de dados brutos, mas a compreensão pré-teórica imediata (*Verstehen*)”. O verbete “37. *Cognition (Erkenntnis)*” de *The Cambridge Heidegger Lexicon* pode contribuir para elucidar melhor este ponto.

A estrutura prévia da compreensão condiciona a nossa relação a mundo e quando reconhecida pelo indivíduo permite que o sentido mais adequado seja recolocado sempre que necessário. Sendo assim, segundo a estrutura prévia desenvolvida por Heidegger, para que uma interpretação compreensiva se realize é necessário que a posição prévia (*Vorhabe*), a visão prévia (*Vorsicht*) e a concepção prévia (*Vorgriff*) venham à tona e, então, se revise as opiniões privadas e imprecisas, preservando o caráter científico acerca do tema que se pretende compreender (GADAMER, 2014, p. 355)⁶. Em linhas gerais, a posição prévia diz respeito ao posicionamento prévio adotado pelo ente que compreende, levando em consideração o que ele já tem a sua disposição. A visão prévia se refere ao recorte que o ente é capaz de fazer a partir da totalidade manifesta na posição prévia, restringindo os pontos específicos que devem ser atentados. A terceira “parte” ou concepção prévia está atrelada ao aspecto conceitual, ou seja, sempre se parte de algum posicionamento que é delimitado por uma perspectiva e que desde sempre já está perpassado por conceitos anteriormente compreendidos (WU, 2002, pp. 25-26) e em seu conjunto formam a estrutura prévia da compreensão. Esta estrutura opera com o objetivo de sustentar esse nosso *ser-no-mundo* desde sempre permeado por relações de significatividade e de interpretações passadas, as quais chegaram até nós através da tradição. A compreensão de um texto, por exemplo, não se dá a partir de uma ideia inata, ou seja, não chegamos a um sentido sem antes projetarmo-nos dentro e em um contexto. O sentido, como argumenta Gadamer (2014, p. 356), “somente se manifesta porque quem lê o texto lê a partir de determinadas expectativas e na perspectiva de um sentido determinado”.

O(a) intérprete alcança o sentido ao se confrontar com os pressupostos que chegam até ele e com o contato que o mesmo estabelece com o mundo e com outras pessoas. Mesmo assim, o processo de compreensão está sujeito a erros, implicando a imprescindibilidade da constante revisão dos pressupostos, o que só pode ocorrer caso tenham sido reconhecidos. Esse movimento de reconhecimento da estrutura prévia da compreensão acerca de algo, a compreensão propriamente dita, e a revisão dos pressupostos, se dá dentro e em uma estrutura circular. A intenção de Heidegger era a de oferecer um entendimento que cumprisse com a potencialidade positiva reconhecida ao círculo e sua estrutura ontológica, ao invés do ponto de vista lógico, associado comumente à ideia de círculo vicioso (GADAMER, 2014, p. 355). Gadamer acolhe a contribuição de Heidegger acerca da estrutura prévia da compreensão, pois também está em desacordo com a hermenêutica clássica, na qual sua tarefa se restringiria a transcrição da relação da parte com o todo e do todo com a parte (SILVA, 2017, pp. 258-259).

A posição defendida por Heidegger de que o círculo não deve ser assumido por um ponto de vista lógico, logo vicioso, refere-se a uma noção existencial acerca da compreensão, ou seja, a compreensão é um modo de ser do *Dasein* e enquanto um modo de ser, ela versa sobre questões ontológicas e não lógicas. Assim, a compreensão está orientada e se dá à luz de certas concepções prévias já sempre presentes. Como explica Grondin em “*The Hermeneutical Circle*”, a raiz do círculo, segundo Heidegger, encontra-se no fato de que toda interpretação, na qual busca produzir uma compreensão, já contém o que nela deve ser compreendido (GRONDIN, 2016, 302). A perspectiva positiva - não é um círculo vicioso que deve ser evitado - e ontológica do círculo introduzida por Heidegger, inspira Gadamer a aprofundar-se na discussão envolta ao círculo hermenêutico, além de oferecer outros elementos para tematizá-lo.

⁶ A revisão da estrutura prévia da compreensão não deve sugerir que a compreensão é um tipo de entendimento intelectual incompleto nem para Heidegger, nem para Gadamer. Compreensão é um existencial, modo de ser da existência.

Uma das contribuições gadamerianas é a inserção do conceito de preconceito ao debate hermenêutico. Para Gadamer não existe compreensão sem preconceitos (GRONDIN, 2016, 303). Além disso, ele retorna a ideia de circularidade vinculada à coerência entre partes e todo (GRONDIN, 2021, p. 47), na medida em que na “antecipação de sentido que visa o todo [se] chega a uma compreensão explícita através do fato de que as partes que se determinam a partir do todo determinam, por sua vez, a esse todo” (GADAMER, 2014, p. 385). Poderíamos dizer, portanto, que a reabilitação do conceito de preconceito engendrada por Gadamer e a retomada da dinâmica das partes e do todo - não como descrição, mas como revisão dos pressupostos - são diferenças significativas entre a sua concepção de círculo e a heideggeriana.

Para além das diferenças, a retomada de Gadamer da descoberta e do reconhecimento da estrutura prévia da compreensão permite que as opiniões prévias que carregamos acerca da coisa mesma (GADAMER, 2014, p. 355) não sejam imediatamente descartadas. A posição, visão e concepção prévia são conceitos cunhados no trabalho de Heidegger e responsáveis por “mostrar o ente como algo e não como algo outro” (WU, 2002, p. 28), com base na estrutura do “algo como algo”⁷. O nosso contato com a coisa mesma em questão (SILVA, 2017, p. 259) é de certa forma modelado pelos conceitos que compõe a estrutura prévia da compreensão. O acesso a um texto, por exemplo, já se dá através de um todo significativo, amparado por *compreensões-prévias* que geram uma expectativa acerca de seu sentido. Ao aprofundar na compreensão do texto, essas expectativas podem ser confirmadas ou frustradas, mas esse movimento só é possível caso o(a) intérprete esteja aberto, ou seja, conceba seu interlocutor - neste caso, um texto - como um *Tu* que tem um conteúdo e uma verdade a lhe dizer.

VERDADE E MÉTODO?

O prefácio à 2ª edição de *Verdade e Método* é responsável por esclarecer as pretensões do trabalho filosófico de Gadamer, mas, sobretudo, pretende deixar claro aquelas tarefas que o autor não buscará cumprir⁸. O exemplo mais expressivo é a ideia de um método das ciências do espírito, na qual Gadamer anuncia que não fornecerá um método ou uma doutrina da compreensão, tal qual a hermenêutica clássica intencionou. Ao mesmo tempo, o autor não nega “o caráter imprescindível do trabalho metodológico dentro das chamadas ciências do espírito” (GADAMER, 2014, p. 15), mas adverte que os “objetos” de conhecimento das ciências em questão possuem distinções que impossibilitam a adoção do rigor e da metodologia nos moldes das ciências da natureza se aplicada às ciências humanas. Como parte do trabalho filosófico, *Verdade e Método* impactou a comunidade filosófica da década de 1960 - e segue impactando - e produziu diversas críticas e apontamentos. Um(a) leitor(a) desavisado(a) poderia inferir que Gadamer incorreu em um relativismo quando renunciou à exigência de estabelecer um método para as ciências humanas ou quando propõe que há verdades e que elas podem ser acessadas por outros caminhos que não os do rigor das ciências da natureza.

Esses apontamentos permeiam *Verdade e Método* na medida em que geram a necessidade de esclarecimentos acerca dos pressupostos e dos argumentos que fundamentam o projeto de uma hermenêutica filosófica, além da dissolução de mal-entendidos atribuídos ao pensamento gadameriano em

7 Não será explorada neste trabalho a estrutura do “algo como algo”. Mencionei apenas para contextualização.

8 A possibilidade de que se sigam consequências de seu trabalho por engajamento de outros não é excluída.

decorrência da forte influência dos compromissos científicos assumidos pela ciência moderna e que ainda se fazem presentes na ciência contemporânea. Os conceitos de verdade e método inserem-se na discussão hermenêutica de modo muito distinto daquele abordado pelas ciências da natureza. A proposta de Gadamer não é conceitualizar verdade e método única e rigorosamente, tal como é feita nas ciências da natureza, tampouco se abandona esses conceitos. O intuito é de abordá-los de um ponto de vista mais adequado à finitude e historicidade humana.

O conceito de método é tido como um conceito “unitário” pelas ciências modernas, nas quais

o ideal de conhecimento pautado pelo conceito de método consiste em se poder trilhar um caminho cognitivo de maneira tão consciente que se torna possível refazê-lo sempre. [...] Metódico é poder-seguir sempre de novo o caminho já trilhado e é isto o que caracteriza o proceder da ciência (GADAMER, 2011, p. 61)⁹.

Assim, a ciência moderna, convicta da segurança garantida pelo método enquanto um guia único para a verdade (GACKI, 2004, p. 13), engajava-se em produzir saberes que eram guiados por um trabalho metodológico, no qual garantia a reprodução por qualquer sujeito neutro de posse do conhecimento, em qualquer lugar do mundo, satisfazendo o ideal de certeza. O pensamento metodológico era a prerrogativa de que a verdade seria alcançada em termos de certeza, ou seja, o objeto da investigação seria abordado pelo método e os resultados obtidos teriam valor de verdade satisfatório ao crivo da verificabilidade. Contudo, ao mesmo tempo que Gadamer não pretende reacender o debate com as ciências da natureza, ele recusa o entendimento de verdade como algo que possa ser reduzido aos parâmetros de um procedimento metodológico (BRESSOLIN, 2008, p.65). A hermenêutica filosófica não ignora os procedimentos metodológicos das ciências da natureza, sequer nega a existência de procedimentos aplicados às ciências do espírito. O ponto distintivo seria o objeto em questão, dado que há “condicionamentos na verdade que não pertencem à lógica da investigação, mas a precedem” (GADAMER, 2014, p. 510) e os objetos das ciências do espírito “pertencem necessariamente ao próprio conhecente”. Destarte, há fatores da vida humana que escapam às regras e aplicações de um método científico empírico, os quais são abordados pelas experiências da arte, da história e da linguagem¹⁰.

Deste modo, segundo Gadamer, “as mais fecundas produções das ciências do espírito estão distantes do ideal de verificabilidade” (GADAMER, 2011, p. 65). A ciência, enquanto um proceder metodológico e verificacionista, pretende se afastar do que ela julga estar tomado por opiniões subjetivas e por uma linguagem simbólica plurissemântica, perseguindo seu ideal objetificador (GADAMER, 2011, p. 63). Contudo, a verdade na hermenêutica filosófica de Gadamer é radicalmente diferente da proposta moderna de satisfação do ideal de certeza e encontra nas reflexões de Heidegger acerca da *a-letheia* o fundamento à compreensão da verdade como desocultação (GADAMER, 2011, p. 60). A verdade é uma abertura, um descobrimento do *Dasein* para o mundo de significado (SVENAEUS, 2000, p. 133) e em Gadamer assume uma dimensão dialógica, pois a abertura se dá para o outro e *seu* próprio mundo, não

9 A obra *Verdade e Método* (1960) antecede publicações importantes no âmbito da Filosofia da Ciência, como os trabalhos de Thomas Kuhn (1962) e Paul Feyerabend (1975). Todavia, do ponto de vista hermenêutico, Gadamer já dá indicações de aspectos que devem ser renovados sobre o proceder da ciência.

10 Essas são as partes que compõe *Verdade e Método* e os momentos também portadores de verdades, segundo Gadamer.

somente pelo *meu* próprio mundo. O caráter histórico e finito da existência humana é levado em consideração uma vez que o(a) investigador(a) não é um indivíduo neutro, sem experiências e fora de um tempo histórico condicionante, muito menos um portador de verdade, mas pelo contrário, é abarcado pela verdade. A verdade que julgamos acessar se dá em nosso *ser-com* (SVENAEUS, 2000, p. 133), ou seja, na interpelação com a coisa mesma que procuramos compreender. Portanto, a verdade na hermenêutica filosófica não se restringe ao caráter instrumental do método, sequer na exigência moderna de um enunciado ser verificado e confirmado. A verdade é uma entre tantas outras verdades, por vezes escapa ao procedimento metodológico, mas nos fornece conhecimento e compreensão acerca do mundo e da nossa existência. Por isso, o título de *Verdade e Método* instiga curiosidade. Gadamer pretende fundamentar a hermenêutica filosófica não enquanto uma verdade única e que pode ser alcançada através de uma metodologia presente nas ciências do espírito, mas a partir de uma ampliação do conceito de verdade que esteja de acordo com a compreensão e, portanto, com a historicidade e finitude humana. O método não é negado, mas assume a condição instrumental para a realização das tarefas científicas, não é mais o caminho (PALMER, 1969, p. 168) ou garantidor da verdade. Não há verdade e método.

O PRECONCEITO DE SE DESFAZER DE TODOS OS PRECONCEITOS

No item anterior, detive-me em elucidar brevemente como os conceitos de verdade e método são tematizados na hermenêutica filosófica de Gadamer e a insuficiência que representa uma concepção de ciência baseada no rigor da aplicação do método para a obtenção de uma certeza ou verdade única. A historicidade e finitude humana constituem o(a) investigador(a) de modo tal que os limites impostos pelo conceito de método e verdade da ciência moderna atendem a contextos específicos e não ao todo da situação hermenêutica. Portanto, é através da compreensão e de sua estrutura prévia, nas quais se encontram as condições mais adequadas, que o perguntar e o investigar sobre a verdade (ou verdades) ocupam um lugar de direito. Os preconceitos se inserem nessa reflexão a partir da defesa de que eles são condição para a nossa compreensão.

O conceito de preconceito opera em nossa compreensão enquanto opinião prévia ou pressuposto, o qual deve ser reconhecido quando confrontado à coisa mesma que se almeja compreender. Assim, aquele que busca a compreensão deve estar ciente do “caráter essencialmente preconceituoso” da mesma. Contudo, a *Aufklärung*, ou Iluminismo, atribuiu uma valoração negativa ao conceito de preconceito, argumentando que apenas a razão em si mesma é capaz de conhecer ou ter acesso ao verdadeiro conhecimento. A formulação de Immanuel Kant em *Resposta à questão: o que é esclarecimento?*¹¹ expressa o ideal iluminista ao provocar os homens a “ousar fazer uso de seu próprio entendimento” uma vez “que a razão subjetivista pode dizer o que é verdadeiro ou falso, ela é o critério de medida” (BRESSOLIN, 2008, p. 68).

A formulação de Kant corrobora com as exigências da ciência moderna que depositava sua fé no método e, conseqüentemente, na obtenção de conhecimento científico objetivo. Do contrário, o homem que não faz uso de seu próprio entendimento se encontra em “situação de menoridade” ao passo que se assume como incapaz de deliberar acerca de um determinado juízo. Este é um caso comum quando

¹¹ Publicado em 1784 no Mensário Berlimense, Kant participa do debate em voga acerca da necessidade de os matrimônios serem sancionados na Igreja.

pensamos sobre a autoridade e em especial, no contexto de Kant, a autoridade que a tradição religiosa do cristianismo exercia. Gadamer retoma esse texto kantiano para explicitar uma das formas de erros que são provocados pelos preconceitos, a saber: o preconceito de estima humana ou autoridade. Outra forma que nos induz a erros é a precipitação, na qual se julga algo sem a fundamentação racional apropriada ou, enquanto na menoridade, o indivíduo abdica de sua racionalidade em detrimento de outrem. Na precipitação, o preconceituoso erra ao recorrer somente a sua razão, levando em consideração seus conceitos prévios, porém sem o devido exame (WU, 2002, p. 67). Os preconceitos por precipitação não são desenvolvidos em maiores detalhes no trabalho de Gadamer, pois sua atenção se volta aos preconceitos por estima humana ou autoridade, os quais estão diretamente ligados à oposição entre autoridade e razão ou tradição *versus* razão.

A crítica de autores modernos à tradição religiosa cristã e às leituras dogmáticas da Sagrada Escritura tinha como meta assegurar a objetividade de enunciados pelo método e excluir qualquer juízo validado por outro meio que não a razão. Assim, os homens que buscassem um caminho para sair da menoridade deveriam o fazer por meio do esclarecimento e suspendendo todos os preconceitos (GADAMER, 2014, p. 360). Contudo, se analisarmos a tradução de *preconceito*, perceberemos que ele é proveniente do termo alemão *Vorurteil*, o qual *Urteil* se refere a “juízo”. Assim, preconceito se trata do juízo que temos à disposição antes mesmo de entrarmos em contato com a coisa mesma ou o juízo prévio acerca do sentido de um texto antes de examiná-lo exaustivamente. O conceito de preconceito não se refere a um juízo sem fundamentação ou falso, como pretendeu definir a *Aufklärung* em sua crítica religiosa, sustentando que a “fundamentação, a garantia do método (e não o encontro com a coisa tal), que confere ao juízo sua dignidade” (GADAMER, 2014, p. 361).

A pretensão da *Aufklärung* ao defender o método como garantia de conhecer verdadeiramente e de evitar erros vai ao encontro com a crítica à autoridade e tradição. Para o pensamento iluminista, os juízos provenientes da autoridade ou tradição são dogmáticos, cerceando a liberdade do indivíduo de fazer uso pleno de sua racionalidade. A autoridade seria o reflexo de uma interpretação perpetuada sem o devido respaldo científico e que é aceita pelo critério de obediência em vez de uma fundamentação metodológica. A razão oferece ao sujeito a certeza, baseada em seu instrumental técnico que não está condicionado a nenhuma subjetividade ou historicidade. Assim, o conhecimento acerca de um objeto pode ser alcançado por qualquer indivíduo que o deseje e em qualquer lugar, visto que as contingências sociais, culturais, históricas, ou seja, tudo o que constitui a existência humana, não influencia no “uso metodológico e disciplinado da razão”. A *Aufklärung*, portanto, ao exigir a suspensão de todos os preconceitos por considerá-los portadores de erros e ao atribuir à razão a condição de única capacitada para a avaliação de um juízo, se levada às últimas consequências, retira os indivíduos da sua historicidade e finitude e se mostra ela mesma como “um preconceito contra os preconceitos em geral” (GADAMER, 2014, p. 360).

OS PRECONCEITOS COMO CONDIÇÃO PARA A COMPREENSÃO

A discussão proposta nesse artigo, como já mencionamos acima, situa-se na segunda seção da segunda parte de *Verdade e Método: Os traços fundamentais de uma teoria da experiência hermenêutica*, na qual a estrutura prévia da compreensão e a reabilitação do conceito de preconceito são

desenvolvidos. Até aqui, reconstruímos, brevemente, a influência que a descoberta da estrutura prévia da compreensão, por Heidegger, exerce sobre a obra de Gadamer, assim como a concepção não viciosa de círculo hermenêutico, fundamental para o fenômeno da compreensão. Os conceitos de verdade e método também foram abordados à luz da hermenêutica filosófica, retirando-os das restrições atribuídas pela ciência moderna e voltando-os à compreensão a partir de nosso *ser-no-mundo* jogado em possibilidades. Esse movimento de retomada de alguns conceitos e concepções contribui para o objetivo principal do trabalho que é fundamentar a legitimidade do conceito de preconceito e afastá-lo da noção depreciativa conferida pela *Aufklärung*. Deste modo, faz-se necessário elucidar as razões pelas quais é legítima a reabilitação dos preconceitos enquanto condição para a própria compreensão.

O conceito de “preconceito” é uma tradução do termo alemão *Vorurteil*, o qual assumiu uma conotação pejorativa em decorrência da crítica da *Aufklärung* aos dogmas do cristianismo e da impossibilidade de conhecimento proveniente da tradição. Contudo, se pretendemos “fazer justiça ao modo de ser finito e histórico do homem, é necessário levar a cabo uma reabilitação radical do conceito de preconceito e reconhecer que existem preconceitos legítimos” (GADAMER, 2014, p. 368). Os preconceitos não devem ser reduzidos a juízos sem fundamentação, pois enquanto *ser-no-mundo* estamos desde sempre inseridos em uma rede de significações, composta também por preconceitos, que nos antecipam acerca do que se pretende compreender. Eles compõem a estrutura prévia da compreensão, e conseqüentemente a própria compreensão. A subtração de todos os preconceitos é o resquício de uma metafísica ocidental *presentista*, a qual atribui ao presente um *status* absoluto, livre de exame, enquanto relega ao passado um caráter irrelevante (PALMER, 1969, p. 185). A consequência desta defesa é, dentre outras coisas, a desqualificação dos preconceitos, impedindo que sejam avaliados positiva ou negativamente, por meio da crença de que apenas temos acesso confiável ao conhecimento pelo tribunal da razão, objetivo e alheio a toda interferência contextual e temporal.

A reabilitação do conceito de preconceito é um resgate da nossa historicidade e do reconhecimento de nossa finitude. Ao contrário do que defendia a *Aufklärung* - sujeitos transparentes em busca de uma verdade clara e distinta - somos indivíduos pertencentes à tradição, da qual herdamos os preconceitos ou o conhecimento prévio acerca de algo para que possamos compreender. A tradição é o horizonte pelo qual compreendemos. O contato com uma obra do passado, por exemplo, é possibilitado por nossa desde sempre *pertença* à tradição e envolve um movimento que exige abertura do(a) intérprete. Essa abertura não significa o abandono das crenças e concepções prévias na busca pelo sentido da coisa mesma, ao contrário, são os juízos prévios a base para o compreender (PALMER, 1969, p. 186). Sendo assim, nas palavras de Palmer (1969):

Não pode haver qualquer interpretação sem pressupostos. Um texto bíblico, literário ou científico, não se interpreta sem preconceitos. A compreensão, dado que é uma estrutura básica historicamente acumulada e historicamente operativa, está subjacente, mesmo na interpretação científica; o significado da descrição de uma experiência não vem da interatuação dos elementos na experiência mas sim da tradição da interpretação sobre a qual assenta e das possibilidades futuras que nos abre. A temporalidade passado - presente - futuro aplica-se tanto à compreensão científica como à não científica; é universal.

Os “pressupostos” ou preconceitos pertencem à compreensão, uma vez que a mesma não se dá isolada às condições que envolvem seu intérprete e, sim, está situada em uma tradição, carregada por impressões historicamente transmitidas e que nem sempre somos capazes de perceber. O reconhecimento da existência de pressupostos e da operacionalidade dos mesmos sobre nossa compreensão é determinante para que saíamos de um debate ingênuo e superficial e possamos caminhar em direção ao sentido da coisa ela mesma.

O engajamento de Gadamer (2014) em defender e desenvolver a reabilitação dos preconceitos tem por objetivo restituir à tradição sua condição de portadora e transmissora de conhecimento, além da importância que eles representam para a compreensão. Essa é nossa dívida, como diz o filósofo (2014, p. 372), com o romantismo, o qual buscou corrigir a *Aufklärung* ao reconhecer que do “lado dos fundamentos da razão, a tradição conserva algum direito e determina amplamente as nossas instituições e comportamentos”. Nossa existência histórica e finita está desde sempre inserida em uma tradição, a qual exerce poder sobre nossas ações e comportamentos (GADAMER, 2014, p. 372). Nem sempre somos capazes de identificar a ação da tradição em nossas vidas devido ao seu caráter transparente, não se referindo a uma situação específica, mas a um todo que nos ultrapassa. A nossa razão não possui os instrumentos adequados para validar a atuação da tradição, dado que a razão pertence à tradição e não o contrário.

Aos olhos da *Aufklärung*, a tradição ou a autoridade por ela transmitida era considerada contrária à razão. Porém o que ela negligenciou é a própria *pertença* da razão à tradição. A *pertença* é um conceito técnico dentro da hermenêutica filosófica que designa a situação de já nos encontrarmos inseridos e em uma relação com a tradição, ou seja, a *pertença* faz referência ao sentido originário (GADAMER, 2014, p. 351) do *Dasein* - ente que somos nós mesmos - tal qual o nosso caráter projetivo ou de *poder-ser* em possibilidades futuras. Essa condição de *pertença* ou inserção evidencia a impossibilidade de compreendermos a tradição em seu todo, na medida que não podemos sair da tradição para pensá-la ou tematizá-la, pois é dentro dela que a reflexão se dá. Outro aspecto interessante para compreendermos a tradição é sua condição de anonimato: o que por ela é consagrado não é mais objeto de discussão; mas, para isso, “uma tradição necessita ser afirmada, assumida e cultivada” (GADAMER, 2014, p. 373). O que por vezes passa despercebido por seu caráter conservador, no sentido de se manter presente em todas as ocorrências inovadoras ou revolucionárias provocadas pela razão, mas sem chamar a atenção sobre si (GADAMER, 2014, p. 373). Portando, buscou-se justificar a nossa desde sempre inserção na tradição e a negativa de conceber a tradição como oposta à razão, ou como estranha e desconhecida. A tradição faz parte de nossas reflexões, porém não se esgota na consciência que temos sobre ela.

O descrédito conferido aos preconceitos através do projeto iluminista não destituiu somente a legitimidade da tradição, como também a da autoridade. A autoridade foi tida como fonte de equívoco pelos pensadores iluministas a partir da pressuposição fundamental de que apenas a razão, amparada na aplicação rigorosa do método, permite que se evitem erros (GADAMER, 2014, p. 368). A razão, enquanto um pensamento em ato, produz ideias claras e distintas, segundo Descartes (REALE, 2004, p. 283-310) e se situa em um sujeito neutro, alheio a sua historicidade e finitude, indiferente às ocorrências de seu cotidiano e capacitado a investigar um objeto tão e somente pelo seu intelecto. Assim, aquele sujeito incentivado por Kant a sair da menoridade e fazer uso de seu próprio entendimento não poderia se amparar naquilo que outrem lhe entregasse. O ato de reconhecimento do conhecimento que estava

de posse de outrem não era legítimo, ao invés disso, era caracterizado como obediência cega (GADAMER, 2014, p. 371). Todavia, a *Aufklärung* desconhecia seu próprio pertencimento à tradição, disseminando inverdades acerca da impossibilidade de conhecermos por meio da autoridade. O que ela não foi capaz de compreender é que a autoridade não se dá sobre a obediência cega, sobre o anulamento do entendimento de um indivíduo, mas sim sobre o reconhecimento de que “o outro está acima de nós em juízo e visão e que, por consequência, seu juízo precede, ou seja, tem primazia em relação ao nosso próprio juízo” (GADAMER, 2014, p. 371). Não se trata, portanto, de outorgar autoridade, mas, sim, de alcançá-la.

A pertença à tradição não se dá por meio da submissão, mas por todos os elementos que envolvem o nosso compreender, incluindo, conseqüentemente, a própria tradição e a autoridade. Os preconceitos estão na tradição e chegam até nós por meio dela, é papel da hermenêutica trazer à tona esses preconceitos e compreendê-los com vistas em corrigi-los, ajustá-los a coisa ela mesma. Contudo isso só é possível se o(a) intérprete reconhece a alteridade do outro, seja uma obra, um texto, um(a) interlocutor(a) ou, até mesmo, uma situação. Isso já se faz a partir de um sentido posto, ou seja, o(a) intérprete possui uma expectativa de sentido que deve ser capaz de sustentar suas opiniões e, ao mesmo tempo, deixá-lo aberto ao que o texto (o que lhe contrapõe) tem a dizer. Essa é uma condição necessária para a tarefa hermenêutica e que Gadamer (2011, p. 76) expressa da seguinte forma:

Quem quiser compreender um texto está, ao contrário, disposto a deixar que ele diga alguma coisa. Por isso, uma consciência formada hermeneuticamente deve ser de antemão receptiva à alteridade do texto. Essa receptividade não pressupõe, no entanto, uma ‘neutralidade’ quanto à coisa, nem um anulamento de si mesmo, incluindo a apropriação seletiva das próprias opiniões e preconceitos. Há que se ter consciência dos próprios pressupostos a fim de que o texto se apresente a si mesmo em sua alteridade, de modo a possibilitar o exercício de sua verdade objetiva contra a opinião própria.

O reconhecimento dessas opiniões prévias e a de abertura à alteridade do(a) interlocutor(a) são os meios pelos quais a compreensão vai se tecendo. Esses dois pontos são recomendações fundamentais para que não caiamos na cegueira daquele(a) que ignora a sua pertença à tradição ou confiando demasiadamente em suas opiniões, esquece de examiná-las e se fecha ao outro. A compreensão sempre parte de algum lugar previamente estabelecido e é historicamente orientada com vistas a confirmar ou adequar o sentido já posto.

No entanto, Gadamer não está recusando a existência de preconceitos que geram mal-entendidos e comprometem a compreensão. Ele está preocupado em oferecer critérios cabíveis para a distinção dos preconceitos legítimos dos ilegítimos. Para exemplo disso, o autor desenvolve o conceito de distância temporal (GADAMER, 2014, p. 385-397), um conceito nodal para sua hermenêutica filosófica e que funciona como um filtro, responsável por eliminar as fontes de erros ou “os preconceitos de natureza particular” (GADAMER, 2014, p. 395). A distância temporal assume um caráter produtivo para a compreensão uma vez que as concepções de tempo, história e verdade (WU, 2002, p. 88), próprias do trabalho de *Verdade e Método*, são alteradas. A temporalidade passada não é descartável e ultrapassada, como poderia considerar grosseiramente um(a) intérprete. “As vozes nas quais ressoa o passado” (GADAMER, 2014, p. 377) permitem o diálogo da tradição com o(a) intérprete, com a atualidade do compreender.

O tempo “não é um abismo devorador, mas está preenchido pela continuidade da herança histórica e da tradição, em cuja luz nos é mostrada toda a tradição” (GADAMER, 2014, p. 393). Deste modo, não se trata de aplicar ao presente os conceitos do passado ou “reproduzir a produção originária [...] compreendendo o autor melhor do que ele mesmo” (GADAMER, 2014, p. 391). Se trata de compreender a coisa mesma a partir do encontro da tradição e do(a) intérprete, do diálogo, alargando, assim, os horizontes da compreensão até que se alcance a fusão desses horizontes.

Portanto, os preconceitos legítimos possibilitam e sustentam a compreensão e não devem ser tomados apenas como um problema metodológico (WU, 2002, p. 98). A consciência dos preconceitos e a sua pertença à tradição envolvem um processo continuado e inserido em uma situação, na qual expressa a posição desde sempre limitada de nossas possibilidades (GADAMER, 2014, p. 399). A compreensão não é um produto acabado que se busca atingir, ela se encontra em um horizonte, “no âmbito da visão que abarca e encerra tudo o que pode ser visto a partir de um determinado ponto” (GADAMER, 2014, p. 399) e por isso dizemos que o(a) intérprete se encontra em uma situação hermenêutica. Nesta situação, haverá espaço para que as possibilidades de diálogo se efetivem através da fusão de horizontes¹², ou seja, há o encontro do horizonte da tradição e do intérprete, os horizontes do passado e presente dialogam. Um processo infinito que a cada novo momento exige que se coloque à prova (GADAMER, 2014, p. 404) os preconceitos que compõem a estrutura prévia da compreensão e que se leve a sério a alteridade, enquanto pressuposto da compreensão (WU, 2002, p. 107). A compreensão começa quando algo nos interpela, nos provoca (GADAMER, 2014, p. 395) e quando nos percebermos abertos ao outro, ao diálogo. Não se compreende na ausência do outro e na cegueira daquilo que desde sempre nos condiciona, nos guia e nos transforma.

CONCLUSÃO

O artigo procurou mostrar o equívoco da *Aufklärung* ao crer que os preconceitos são juízos sem fundamentação ou que levam a mal-entendidos. O ideal de um sujeito neutro guiado por uma razão clara e distinta negligenciou a finitude e historicidade da existência humana. A reabilitação do conceito de preconceito proposta por Gadamer tinha o intuito de devolver o valor positivo e produtivo que os preconceitos exercem sobre a nossa compreensão. Para tanto, assim como Gadamer, retomamos a estrutura prévia da compreensão, descoberta por Heidegger, e os elementos que a constituem - posição, visão e concepção prévia - para argumentar em defesa da existência de estruturas já postas em nossa compreensão, mas que nem sempre dispomos de recursos adequados para “enxergá-las”. A ideia do círculo hermenêutico também foi retomada e contribui para os objetivos do trabalho na medida em que expressa a necessidade da constante revisão dos pressupostos que orientam nossa compreensão. Diferente de Heidegger, Gadamer reconhece a coerência da concepção clássica de compreender o todo pela parte e vice-versa, mas recusa a ideia de uma hermenêutica como reprodução e descrição dos pressupostos. Os conceitos de verdade e método, por sua vez, foram analisados pela perspectiva da hermenêutica filosófica e em consonância com a tarefa da compreensão. O ideal de verificabilidade e a

12 O conceito de *fusão de horizontes* também mereceria um desenvolvimento mais detalhado, mas não se enquadra no que tange os objetivos deste trabalho.

segurança que os procedimentos metodológicos oferecem às ciências naturais não podem ser aplicados tal qual às ciências do espírito, pois estamos diante de objetos distintos de investigação e, portanto, requerem abordagens apropriadas às suas particularidades. Do mesmo modo, verificou-se que o conceito de verdade não é análogo ao conceito de certeza. Gadamer concede um alargamento do conceito, assumindo a existência de verdades para além da verdade absoluta pretendida pela modernidade. Neste sentido, abre-se a possibilidade para que outras formas de conhecimento, como a tradição e a autoridade, sejam tidas como portadoras e veiculadoras de verdades, desautorizando a exigência de Kant para que saíamos da menoridade fazendo uso apenas do nosso próprio entendimento. A reabilitação dos preconceitos implica na reabilitação da tradição. É nela que as influências do passado são transmitidas até o presente, pelo diálogo que a nossa historicidade estabelece com a compreensão. Em outras palavras, somos *ser-no-mundo* jogados em possibilidade e pertencentes à tradição. Compreendemos na tradição, permeados pelos preconceitos que estabelecem as condições e um sentido a ser confirmado. Por conseguinte, a compreensão se dá no encontro da tradição com o(a) intérprete, no encontro do passado com o presente, no assentimento de que a temporalidade que me distancia de meu interlocutor é produtiva, na fusão dos horizontes para formar um horizonte maior e mais completo, por fim, no diálogo que nos provoca e nos invoca a sempre e de novo projetar.

REFERÊNCIAS

- BRESOLIN, Keberson. **Gadamer e a Reabilitação dos Preconceitos**. Intuitio. Porto Alegre. v. 1, n. 1, p. 63-81. jun/2008.
- FARIN, Ingo. WRATHALL, Mark A. (Org.). Hermeneutics (Hermeneutik). In: **The Cambridge Heidegger Lexicon**. Cambridge; New York: Cambridge University Press. 2021. p. 375-379.
- GACKI, Sérgio Ricardo Silva. **Perspectivas do Diálogo em Gadamer: A Questão do Método**. Cadernos IHU. Ano 4. n. 16. p. 1-30. 2006.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método**. v. I. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método**. v. II. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GRONDIN, Jean. The hermeneutical Circle. In: **The Blackwell Companion to Hermeneutics**. Editado por Niall Keane e Chris Lawn. Oxford: Wiley Blackwell. 2016. p. 299-305.
- GRONDIN, Jean. DOSTAL, Robert J. (Org.). **Gadamer's Basic Understanding of Understanding**. In: The Cambridge Companion to Gadamer. Pennsylvania: Cambridge University Press. 2021. p. 36-51.
- HEIDEGGER, Martin. § 32. Compreender e Interpretação. In: **Ser e Tempo**. 7. ed. Petrópolis: Vozes. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco. 2012. p. 209-215.
- SILVA, Renata Ramos da. **A estrutura prévia da compreensão e sua circularidade hermenêutica à luz de Verdade e Método**. Fenomenologia e hermenêutica. Coleção XVII Encontro ANPOF. 2017. p. 255-272.

SILVA, Renata Ramos da. **Compreensão e linguagem:** o caminho para a reabilitação da tradição no pensamento de Gadamer. *Synesis*, v. 6, n. 1, p. 205-225, jan/jun. 2014.

KANT, Immanuel. **Resposta à questão: o que é esclarecimento?** Tradução de Vinicius de Figueiredo. Disponível em: https://pt.slideshare.net/professor_tel/kant-resposta-questo-o-que-esclarecimento-75654928. Acesso em: 19 jan. de 2022. Paginação irregular.

PALMER, Richard. **Hermenêutica.** Lisboa: Edições 70. 1969. cap. 2. p. 81-219.

REALE, Giovanni. **História da filosofia: do humanismo a Descartes.** v. III. São Paulo: Paulus, 2004. Cap. 10, p. 283-310.

SVENAEUS, Fredrik. Hermeneutics - The Choice of Gadamer. In: **The Hermeneutics of Medicine and The Phenomenology of Health: steps towards a philosophy of medical practice.** Springer Science. v. 5. 2000. cap. 2, p. 130-134.

WU, Roberto. **Compreensão e tradição: a herança heideggeriana na hermenêutica de Gadamer.** 2002. 145 p. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.